



3 Anos do Massacre de Paraisópolis: a juventude precisa lutar!

No dia 1 de dezembro de 2019, a polícia militar de São Paulo assassinou 9 jovens no “Baile Funk DZ7”, na favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo. 31 policiais participaram da ação. Mais de uma dezena de pessoas ficaram feridas. A versão da polícia de que houve “resistência” à ação policial; de que prestou “rápido socorro”; de que “estavam encurralados”, foi completamente desmentida. Destacamos o documentário “Paraisópolis: 3 atos, 9 vidas”, realizado por uma parceria entre a Defensoria Pública, Núcleo Especializado de Infância e Juventude, Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos, famílias das vítimas e a Unifesp, onde todas as inconsistências da versão policial são mostradas. O fundamental é compreender que esse caso não está separado dos problemas gerais que vêm enfrentando a classe operária e demais oprimidos, particularmente a juventude pobre da periferia.

A condenação dos policiais envolvidos é um direito das famílias, mas até agora nada de concreto foi decidido. A Justiça Militar concluiu seu inquérito isentando os policiais de qualquer crime. O caso segue na justiça comum. É possível que alguns envolvidos sejam condenados, mas isso não modifica em nada a opressão sofrida pela juventude pobre. Os verdadeiros responsáveis pela ação, que estão nos altos comandos da PM e Secretaria de Segurança Pública, e o próprio governador na época, João Doria, sairão impunes.

O Partido Operário Revolucionário (POR), em 2019, dois dias depois do ocorrido, lançou um manifesto onde expôs as condições de vida dos moradores de Paraisópolis, indicando que o massacre não estava separado da situação concreta a que são submetidos os explorados, principalmente os jovens, nas favelas de SP e do Brasil. Não é por acaso que situações como essa nunca são vistas em bairros nobres, mesmo quando realizam festas que viram a noite. Ainda nesse manifesto, expusemos as condições de vida da juventude: “A juventude é o grupo social que mais sofre as mazelas do capitalismo, representa aproximadamente 50 milhões de brasileiros (23% da população), mas, sozinha, representa mais de 40% dos desempregados. Entre aqueles que têm emprego,

são os que trabalham mais horas, com menos direitos e recebem menos. 40% deles começam a trabalhar (fazer bicos) com 14 anos ou menos”, como era o caso de alguns dos jovens assassinados.

O capitalismo não tem absolutamente nada para oferecer à juventude pobre. A exploração do trabalho e a acumulação de capital (pela propriedade privada dos meios de produção) colocam riquezas incalculáveis nas mãos de poucos e entregam miséria para a maioria da população. A situação da juventude é trágica em dois sentidos: em primeiro lugar, pelas condições que é submetida pela crise capitalista: desemprego, miséria, fome, destruição da educação etc., ou seja, pela ação da burguesia e seus governos. E em segundo lugar, pela ausência de direções políticas nas suas entidades, que de fato defendam os jovens, que organizem a luta por suas necessidades. Vejam que nesse ano as direções políticas da juventude se enfiaram até o pescoço na lama do eleitoralismo, colocaram todos os seus esforços para que os jovens tirassem o título e abandonaram qualquer luta por suas condições de vida. Alimentaram assim, a ilusão de que seus problemas se resolveriam trocando um governo burguês por outro. Não se pode esquecer os elevadíssimos números de prisões de jovens negros no governo Lula, nem a lei antiterrorismo, que criminaliza a luta da juventude.

A polícia é o braço armado do Estado. É a responsável direta pelos assassinatos, mas age em defesa dos interesses dos capitalistas e não da sociedade como um todo, como tentam nos convencer. Em última instância, as polícias defendem a propriedade privada, não as pessoas. É por isso que o pedido de que o próprio Estado burguês puna os policiais é legítimo, como um direito das vítimas, mas não corresponde a uma política classista. É preciso trabalhar para organizar a juventude para lutar com suas próprias forças, com os métodos próprios da luta de classes, por suas próprias reivindicações de emprego para todos, aumento geral dos salários, direitos à educação, à moradia etc.

O boletim Juventude em Luta denuncia os crimes da burguesia, de seus governantes, que inclui o aparato militar-policial. Rechaça as investigações sob o comando dos próprios assassinos. Defende que somente um Tribunal Popular poderá investigar e julgar os verdadeiros responsáveis pelos crimes de classe, como essa chacina de Paraisópolis. Faz a defesa da juventude, levantando a bandeira de “nenhum jovem sem trabalho, nenhum jovem fora da escola”. Denuncia as direções políticas que se negam a organizar a luta. E trabalha para pôr em pé o partido revolucionário, que tem como estratégia a destruição do capitalismo, raiz da exploração e miséria de milhões, pela via da revolução proletária.